

Entre os retalhos do trabalho esquecido: narrativa, memória e história de trabalhadores têxteis no Rio de Janeiro

Ricardo Medeiros Pimenta

Doutorando em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Este artigo tem sua origem na minha dissertação de mestrado¹ sobre a memória coletiva de velhos operários têxteis da cidade do Rio de Janeiro. Utilizamos como foco da pesquisa suas experiências em duas companhias de projeção no estado do Rio de Janeiro e que compuseram de maneira indelével o panorama econômico e industrial do Brasil, além de participarem na composição do espaço social e urbanístico carioca durante quase todo o século XX: as companhias América Fabril e Nova América.

1 Dissertação de Mestrado intitulada *Retalhos de memórias: trabalho e identidade nas falas de operários têxteis do Rio de Janeiro*, realizada no Programa de Pós-graduação em Memória Social (linha de pesquisa Memória e Espaço) sob a orientação do Prof. Dr. Marco Aurélio Santana. Recebeu Menção Honrosa no Concurso de Seleção de Monografia Arquivo da Cidade/2006 – Prêmio “Professor Afonso Carlos Marques dos Santos” de Pesquisa, promovido pela Secretaria Municipal das Culturas, através do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Um antigo cenário industrial do Rio de Janeiro que hoje se configura como um “depósito” de memória. Por este motivo é que esses antigos trabalhadores têxteis, autênticos “sobreviventes” do tempo, se tornaram o principal foco de nossas questões.

Neste sentido, o que nos parecia cada vez mais claro eram as ricas possibilidades de se falar sobre tais experiências através das narrativas desses homens e mulheres. Contribuindo dessa forma para uma historiografia mais plural e menos lacunar, uma vez que procuramos evidenciar essas vozes que, ao contrário do que algumas visões possam achar, sempre estiveram ali.

Portanto, diferentemente de Joutard, quando afirmou que a força da história oral residia em “dar a voz” (FERREIRA; FERNANDES & ALBERTI, 2002, p. 33) aos esquecidos ou derrotados, entendemos que esses “atores sociais” não deixaram de resistir no tempo e no espaço; e que tampouco lhes faltaram suas vozes. Faltava-lhes sim, por essa lógica, quem os ouvisse.

Assim, as histórias de vida do velho operário e da velha tecelã são, para além dos acontecimentos que acompanhamos e investigamos nas demais fontes escritas ou iconográficas, a possibilidade de “(...) poder compartilhar o gosto que tudo isso deixou na memória de pessoas que realmente viveram esta experiência” (GOMES, FLAKSMAN & STOTZ, 1988, p. 8).

Com as narrativas de alguns ex-operários têxteis, conseguimos que os mesmos apresentassem em um exercício autobiográfico suas visões e “leituras” de seus passados. De certo, sabemos do “terreno fértil” à produção de ilusões (BOURDIEU, 2002, p. 181-191) contido na fala do entrevistado. Ainda assim, são também nessas ilusões – produções de quem tenta criar inteligibilidades, constâncias e sentidos na ação autobiográfica – que correm as “tramas” de uma identidade que se forma e reconhece pelo processo constitutivo da memória.

Neste sentido, ela é, assim como a representação social, uma construção no presente com base em experiências, tradições e quadros sociais – passados e atuais. Por essa linha, os estudos de Maurice Halbwachs, por exemplo, acabaram por se tornar referência nessa pesquisa, da mesma maneira que foram igualmente para a geração de estudiosos da memória social e de suas implicações coletivas.

O que nos chamou a atenção nessa abordagem mais etnográfica foi, portanto, uma pluralidade de questões que, juntamente com uma extensa pesquisa documental escrita e iconográfica, contribuíram em muito para o estudo sobre a questão do trabalho infantil, assim como do cotidiano do operário fluminense, ou das suas práticas culturais, de lazer e de resistências ao controle do tempo-espaço de produção, tão característico das fábricas de tradições e técnicas inglesas.

Como ponto de partida percebemos um dado singular referente às duas companhias citadas. A questão da origem, como a do término por elas vividas. Suas histórias se entrecruzam em dois momentos significativos. Em um momento de criação e em outro de degradação, onde o antigo cenário industrial, da forma que muitos de seus velhos habitantes o conheciam, apagou-se ou se transformou em um novo conjunto de símbolos e funções, tornando possível um “desenraizamento” (WEIL, 1996) daqueles atores que ali se identificavam.

Se não bastasse o fato de algumas das fábricas que compunham a companhia América Fabril terem fechado já na década de 1960 – o que dificultava

encontrar esses antigos operários, pois muitos já haviam morrido ou se mudado –; o outro fator era que algumas das fábricas se localizavam em regiões de extrema urbanização e, assim, de extrema modificação de seus espaços como prédios, condomínios, lojas, shoppings, casas, ruas.

Ou seja, as transformações desses espaços no tempo produziram os “restos” (NORA, 1997, p. 77) do que anteriormente foram os “palcos” de relações sociais ali construídas, defendidas e combatidas. Relações essas que, em diversos casos, são apenas acessadas ou recompostas através da “marcha de baixo” (AUGÉ, 2001, p. 72-73) que essa memória – dos antigos trabalhadores – engendra.

Traçando um breve histórico, no caso da companhia têxtil América Fabril, poderíamos partir de seu momento de criação. A América Fabril teve como ponto de partida o ano de 1878, após a implementação de uma fábrica na região de Pau Grande, em Magé, interior do estado. Já em 1891 comprou e reformou a fábrica, que se chamaria Cruzeiro, na região do Andaraí Grande, freguesia do Engenho Velho; e dessa forma inseriu-se no cenário urbano da capital.

Em seguida, com as aquisições da Fábrica Bonfim, em 1903 – situada no atual Bairro do Caju, na zona portuária carioca –; e da fábrica Mavilis em 1911 – vizinha à Bonfim –, a América Fabril ocuparia definitivamente o quadro das dez maiores indústrias têxteis brasileiras na época.

A companhia progrediu de forma sustentável nos anos que se seguiam, tornando-se a maior companhia têxtil do Brasil em 1920 após adquirir mais uma fábrica. A Carioca, localizada na grande Gávea – hoje, bairro do Jardim Botânico. Além disso, no decorrer dos anos seguintes a América Fabril ainda concentrou outras fábricas como a de Deodoro, no bairro do subúrbio carioca de mesmo nome, e a de Cachoeira Grande, vizinha à Pau Grande.

Quanto à companhia Nova América, sua criação se deveu à ação de um grupo de diretores e acionistas demissionários da antiga América Fabril em 1924. A então “Nova” América não tardou para ocupar um lugar entre as companhias têxteis de maior expressão no Rio de Janeiro até sua falência, também na década de 1980, e sua completa desativação em 1991, quando permaneceu com suas portas fechadas e seus teares desligados durante os anos seguintes. Posteriormente, transformou-se em um shopping center – o Nova América – que, entre outros conjuntos arquitetônicos de fábricas ainda presentes na cidade do Rio de Janeiro, apontou para esta “nova” utili-

dade dada pela atual sociedade do consumo – e descoberta nos últimos anos – para as fábricas desativadas ainda existentes nas cidades.

Assim como a Nova América, a América Fabril entrou em um processo de falência que se iniciou já nos anos 1960. A primeira fábrica a ser desativada foi a Carioca, em 1962. Sua desativação foi seguida rapidamente pela corrida do mercado imobiliário, que tratou de apagar rapidamente seus vestígios quase por completo. Logo depois foi a vez da Cruzeiro, entre os anos 1968 e 1969, que remanejou parte de seus operários para as que restaram, como Bonfim e Mavilis, Pau Grande e Deodoro.

Em seu terreno, quase tudo foi demolido e dividido entre estatais, que trataram de instaurar uma nova ordem e função naqueles locais. Hoje, parte de sua área é ocupada pelo Banco do Brasil, pela Caixa Econômica Federal e por um condomínio residencial de prédios, cuja construção se deu anos depois – através do financiamento do BNH –, chamado de “tijolinho” pelos moradores do bairro.

Os anos que se seguiram, após a desativação dessas duas primeiras fábricas, não foram diferentes daquele de 1971, quando a fábrica de Pau Grande e as duas do Caju foram desativadas, e de 1983, ano em que finalmente fecharam a Santana e a Deodoro. Em meio a essa “erosão” do espaço fabril na zona urbana da cidade do Rio de Janeiro, restaram apenas os operários que, quando possível, procuravam a aposentadoria como refúgio à medida que envelheciam à sombra do que antes fora o seu local de trabalho.

Para esses antigos trabalhadores, o envelhecimento e o afastamento de seu lugar de trabalho e de sociabilidades tornaram-se um grande desafio não apenas para os novos papéis que eles deveriam se adequar, como para sua identidade que havia sido forjada, desde a primeira metade do século XX, pela experiência do trabalho fabril.

Cabe lembrar que, durante os primeiros 30 anos do século XX a sociedade participou de mudanças profundas no que tangia o espaço sociopolítico, econômico e cultural. Este, então, “novo” espaço de trabalho já detinha nos anos 1920, no que se refere ao setor têxtil, cerca de mais de 40% da população proletária no Rio de Janeiro (FAUSTO, 2000, p. 111). População essa que, em grande maioria, foi margeada pela contundente realidade do trabalho infantil.

Ganhando muito menos do que um adulto, nas companhias têxteis estudadas, as crianças compunham um número expressivo de operários. Serviços

de escolas primárias e creches — muito usadas por políticas industriais patronais, por exemplo — tornavam-se, assim, não só um benefício que muitas vezes seria pago através de uma mão-de-obra “barata” ou “dócil”, quase “agradecida”,² como se tornavam também a extensão do “braço” disciplinador e institucionalizante fabril que por sua vez controlava parte da vida exterior à fábrica.

Ou seja, uma “disciplinarização extensiva” (PERROT, 1988, p. 19) que “docilizava” as gerações futuras de trabalhadores, instituindo-os desde cedo o ritmo do trabalho ali desenvolvido e seus desdobramentos na esfera privada, infligindo às suas famílias as mesmas diretrizes sociais e políticas.

² O termo usado traz consigo uma característica latente nos depoimentos colhidos e no próprio contato com o campo de pesquisa; a gratidão e o afeto desenvolvido pelos integrantes das redes de contato. Diferentemente da companhia América Fabril, o afeto e carinho com a Nova América pelos seus antigos operários pareceram prevalecer de forma unânime.

³ Lei Federal, decreto nº 5.083, de 01 de dezembro de 1926.

⁴ AGCRJ, Divisão de Documentação Escrita e Especial. Serviço de Documentação Escrita; Coleção particular Cia. América Fabril. Livro diário nº 25; p. 59.



Figura 1: Menores e outros trabalhadores da fábrica Mavilis, América Fabril, S/D. (Col. América Fabril, Seção Iconografia, AGCRJ).

Desde meados dos anos 1920 o trabalho infantil nas fábricas era apenas permitido para maiores de 14 anos.³ Não obstante, a América Fabril posava através de sua política assistencial patronal como uma empresa integralmente preocupada com os operários. Política essa que disponibilizava professores e creches, custeada pela América Fabril,⁴ aos seus funcionários, ou somente à parte deles.

Entretanto, é através da fala de Esmeralda – fiandeira e tecelã da Mavilis na América Fabril, desde meados dos anos 1920 – que percebemos o quanto a política empregada não poderia atender a todos e não confrontava questões vitais para a empresa, como o trabalho de crianças abaixo dos 14 anos. Afinal, a idade não se apresentava como empecilho, uma vez que a própria administração da fábrica a alterava para registro:

Antigamente a gente... Como é que se diz? É... Não, não dava a idade certa por que tinha que fazer isso, porque não existia ainda carteira. (...) Então a gente aumentava lá... o pessoal lá, lá do escritório aumentava a idade (ESMERALDA SERENO, entrevista ao autor, 2004).

Para grande número destes antigos operários a ida à fábrica esteve intimamente ligada com a necessidade de dinheiro para suas famílias e, assim, da contribuição para o orçamento da casa:

⁵ As palavras eventualmente destacadas entre colchetes expressam percepções do entrevistador quanto ao ambiente ou às emoções durante a fala dos entrevistados. Todos os fragmentos seguirão – quando necessário – este mesmo parâmetro.

Saí do colégio primário, não cheguei a fazer o segundo grau, meu pai adoeceu e faleceu. Eu era a filha mais velha de duas menores... (...) e eu tive que correr atrás de trabalhar na Nova América. Eu tinha uma tia que trabalhava no pano cru. E ela disse: Ah! Eu posso fazer um pedido na Nova América pra ela. Então eu fui trabalhar, com 14 anos, ainda não tinha 15; e fui trabalhar na espuleira. Espuleira é o lugar onde prepara o fio pra fiação. Então fui pra espuleira (...) (ISABEL BATISTA, entrevista ao autor, 2005).

Fato que ocorreu da mesma maneira com “Toninho” (ex-operário da Companhia Nova América), que começou a trabalhar na mesma companhia que seu pai integrava desde a formação, em 1924:

22 de janeiro de 1946, a pedido do meu pai, seu Avelino José Fernandes, pediu e tal, tem um filho que queria ingressar... Bota lá pra trabalhar, pra ajudar ele também na ajuda do orçamento da casa... (...) aí meu pai pediu, sabe? (...) dali a minha carreira começou. Meu pai pediu, aí eu fui pra fiação... pra fiação nova, por que meu pai era chefe da fiação velha (...) (ANTONIO FERNANDES, entrevista ao autor, 2004).⁵

Da mesma forma, outros companheiros de fábrica, como no caso de Agenor – também um ex-operário da Nova América desde 1949 –, compartilham as mesmas questões acerca dos motivos para o ingresso nas fileiras operárias:

(...) nós viemos numa situação muito difícil né, (...) foi uma época de muitas privações; (...) Aos treze anos, quando veio nossa necessidade, começar a trabalhar, eu comecei a trabalhar (...) numa seção de... tinturaria de pano (...) Um lugar assim de uma insalubridade muito grande, muita insalubridade, muito calor, né? E... eu com meus 13 anos encarei, enfrentei aquela situação [emoção] (AGENOR RODRIGUES, entrevista ao autor, 2004).

Nesse kosmos laborioso, os acidentes tratavam de “marcar” ainda mais a infância “consentida” pelo apito da fábrica. Para alguns trabalhadores, como dona Esmeralda, está no toque da pele:

Existia um caixote que a gente botava algodão (...) E eu quando empurrei com a mão, a mão escapuliu e entrou dentro do tambor... Que roda, pra rodar as espulas pra encher. Então, aqui a marca. [dona Esmeralda mostra em sua mão cicatrizes que denunciavam um antigo ferimento. Um pouco mais suaves pelo tempo, porém extensas, as cicatrizes mostravam assim que o acidente fora já há muitos anos]. (...) levei 3 meses pra curar isso aqui (ESMERALDA SERENO, entrevista ao autor, 2005).

Assim como Esmeralda, o senhor Herrero também se tornara vítima da inexperiência e do maquinário de funcionamento intermitente. O

6 AGCRJ. Setor de documentos textuais. Livro diário nº 25; e p. 122. Acervo Companhia América Fabril.

trabalho, vindo igualmente como um precoce signo de independência e maturidade, não lhe apresentou só bons momentos. O acidente que lhe mutilara a mão direita em uma prensa, causando a perda de três dedos, marcara bem a época de sua entrada na fábrica. Assim como o dele, outros acidentes da época de sua infância mostravam-se muito comuns, especialmente em determinadas seções da fábrica, como era a seção da chamada “máquina do Diabo”.

Uma máquina que tinha uma porção de lâmina assim que trabalhava assim [gesticula com os braços], sabe? (...) Não sei como é que fazia, só sei que o algodão era jogado ali, e, e, em bruto; aquelas facas trituravam, tanto que cortou vários braços, e um monte de operário aí ficaram sem braço, sem mão, porque... descuidava na hora de, descuidavam conversando, brincando, contando caso e tal... Às vezes, descuidava e pá! (...) não tinha indenização, não tinha nada (...) (ANTONIO HERRERO, entrevista ao autor, 2004).

De fato, a falta de segurança dentro das fábricas e de suas respectivas seções compunha intensamente os dias de trabalho. Para “cobrir” os acidentes, as fábricas contavam com caixas de beneficências desde meados dos anos 1920, atendendo já em 1926 mais de 6.500 operários.⁶ No entanto, após o contato com as experiências de acidentes vividas pelos entrevistados, passamos a

questionar se os acidentes e demais enfermidades não compuseram um número maior do que os registros das fábricas.

Nesse escopo tal fato nos leva a pensar igualmente em como o operário – como apontou Leite Lopes, no caso dos trabalhadores do açúcar – não só naturalizava suas condições de trabalho bem como sua respectiva insalubridade, entendendo que tal infortúnio estaria intrínseco a sua categoria social, como se deixava influenciar pelo “‘fetichismo’ do salário-hora” (LOPES, 1976, p. 100-115).

Ao lembrar-se dos antigos dias em que varria o chão, um dos antigos trabalhadores da Nova América – o aposentado Antonio Borges – percebe o “outro lado da moeda” que ajudou a cunhar durante seus dias de trabalho.

Na Nova América, os chefes, (...) Era aquela coisa assim, bruta entendeu? (...) eles não tinham assim aquele cuidado com... a preocupação com a integridade física do funcionário, cada um cuida de si! Então o, o... Garoto trabalhava descalço! (...) fica tudo sujo de poeira, e você trabalha com ali diversos parafusos, é prego, é coisa que, que usa na máquina, né? E você às vezes vai tirar, uma vez eu fui tirar, (...) espetou o troço no meu pé (...) Uma imprudência que não havia uma fiscalização da direção da empresa (ANTONIO BORGES, entrevista ao autor, 2005).

Para todos que entraram jovens, o processo de inserção no espaço fabril apontara de forma contundente para uma condição de “interrupção” da infância, ou parte dela, devido à relação de trabalho indústria/operário submetida e às suas conseqüências. Entretanto, ressaltamos que isso não nos deve servir como justificativa para entendê-los sob um sistema de controle total e absoluto, unicamente.

Afinal, nesses mesmos espaços de opressão, controle e perigo os operários criavam meios para burlá-los, marcando não só uma identidade coletiva forte como uma cultura rica e atuante.

Ao falar sobre os meios de lazer dos operários, muito de suas particularidades e de seu grupo vieram à tona. Tal fato contribuiu para o entendimento de que as práticas de lazer, longe de ser uma mera ferramenta para a ratificação da alienação marxista (QUINTANEIRO, BARBOSA & OLIVIERA, 2002, p. 51-52), estiveram presentes entre as diversas formas de resistência, controle e identidades existentes na vida do trabalhador fabril.

No que tangia ao carnaval e suas comemorações, os trabalhadores recorreram à utilização de estratégias que sinalizavam a resistência à vontade

patronal de continuidade da produção em detrimento das comemorações e festas populares.

Quando era perto do carnaval, então que eles botavam pra trabalhar no carnaval... aí é que o pessoal ficava [risos] enfezado mesmo. [risos] (...) paravam as máquinas e toma-lhe bloco pra lá e pra cá, dentro da fábrica (...) Eles não faziam, eles não podiam fazer nada (...) [risos] Aí, o... o pessoal fazia [risos] o bloco pra lá e pra cá [risos] (SILVIA MINISTÉRIO, entrevista ao autor, 2004).

De forma bem detalhada, as imagens que se transformam em expressões e palavras descrevem como os operários combatiam o trabalho no carnaval e como os diretores acabavam por mandá-los embora de folga pelo dia, já que não conseguiriam controlá-los dentro da fábrica.

Eles andavam brigando, chamavam o gerente, aí quando vinha aí o gerente via que não tinha jeito mesmo e dizia: 'Oh é melhor é deixar isso mesmo por que não tem jeito.' Aí, soltava o pessoal, aí ia todo mundo pra área de bloco pra rua, né? (SILVIA MINISTÉRIO, entrevista ao autor, 2004).



Figura 2: Músicos da Associação de Operários da América Fabril, 1924 (Col. América Fabril, Seção Iconografia, AGCRJ).

O futebol também esteve marcado fortemente na atuação dos operários cujos jogos fizeram forte parte do convívio social ao longo dos anos, mobilizando um grande número dos moradores locais, não apenas ligados à fábrica.

A gente fazia um festival aqui no campo, pra jogar... E, era, era a nossa diversão! Era, o futebol, estudar... estudava, e, e... o baile, quando tinha um bailezinho lá... (...) clube

carioca que era o clube do baile naquela época (ANTONIO HERRERO, entrevista ao autor, 2004).

Os meios de ligação do operariado pelo lazer e por eventos sociais, muitas vezes similares em ambos os locais, cerziam-lhes uma identidade comum independente da unidade fabril da companhia, ou até do próprio tempo. Nas comemorações, portanto, o sentimento de pertencimento ao grupo e ao espaço de festividades nos remete a Blondel, para quem, nesses momentos, “(...) nossa vida encontra-se incessantemente mesclada à vida de nosso grupo (...)” (BLONDEL, 1966, p. 162).

Essas formas de expressões disseminadas nos meios associativos e de trabalho já estavam fortemente distribuídas nos espaços de sociabilidade da primeira metade do século XX (BATALHA & FORTES, 2004, p. 96). Espaços esses que, juntamente com o progresso e sua desintegração, vêm ameaçando a preservação de uma identidade.

Visto pela ótica de Pennebaker e Basanick, as lembranças aqui exemplificadas – embora não estejamos falando de sucessos e acontecimentos de níveis nacionais ou mundiais – são também dotadas de valores sociais característicos e importantes para aquele grupo que recorda: “(...) a maioria das recordações têm um componente social” (PENNEBAKER et alii, 1988, p. 33).

Isto é, um “componente social” que, além do papel e de sua materialidade, se faz presente a cada palavra, a cada expressão, e que pela sua própria natureza efêmera acaba logo após começar. Seja pelo aliciamento de mão-de-obra infantil, seja pelas festividades, seja pela atuação política que unia os operários.

Qualquer coisa: ‘pára o tiar’ [sic], (...) A gente parava tudo porque queriam resolver um aumento, qualquer coisa, e a gente tinha que parar pra ajudar (...) Olha, foi uma luta! não gostei daquela luta não, não gostei não, porque a gente vivia de coração na mão, porque... Meu filho, era uma coisa [fala sobre o comunismo] que se dizia aqui no Brasil ilegal, não é? (SILVIA MINISTÉRIO, entrevista ao autor, 2004).

Lembranças, portanto, do trabalho. E das diferentes representações e veículos que ali se instauraram em seu cotidiano. Como a presença do comunismo, por exemplo, que nessas unidades levou seus dirigentes a agir com maior arbitrariedade, taxando de forma indiscriminada quaisquer ações pela vaga do comunismo. Instaurando um “medo” silencioso no espaço fabril.

Naquela época ninguém podia falar que era da esquerda porque entrava no cacete, né? Só falava com uma pessoa muito chegada, né? muito amiga. Que se, não deixava ninguém ouvir, porque... (...) a gente conhecia um ou outro, que, que se dava, mas no meio do trabalhador nosso, nosso povo mesmo, tinha muita gente que não valia nada! Que entregava o próprio companheiro, 'fulano é comunista' (...) você empregava quem você queria, e tinha que fazer o que você queria! E se você fosse dar queixa, ele o patrão ia dizer que você era comunista! (ANTONIO HERRERO, entrevista ao autor, 2004).

A imagem “subversiva” do discurso comunista servia como um “vetor” para o crescimento das atividades de controle patronal, justificando-as através da imagem do “inimigo” da indústria capitalista e do modelo corporativo idealizado pelo Estado.

O discurso comunista tem um argumento incrível, né? (...) até que veio a revolução de 64 (1964), mas eles não baixaram a crista não, punham a banca pra dentro, então a Nova América foi também afetada mas na Nova América era difícil o operário fazer greve até aquela identificação que eu te disse com a assiduidade, porque o cara ficar parado vai perder dinheiro pra caramba, vai ficar malvisto dentro da empresa (AGENOR RODRIGUES, entrevista ao autor, 2004).

Nas histórias de vida cada um desses momentos passados que nos foi trazido pela construção do discurso traz consigo um conjunto de significados e valores que compõem aquele personagem com base em sua memória.

⁷ Adjetivação usada com a intenção de apresentar assim a condição mais visível e socialmente imposta pela sociedade como ponto de referência ao sujeito social que passa a ser assim desqualificado.

Desta forma, nossa intenção fora não só chegar às fontes primárias de ambas as companhias, uma vez que também o fizemos, mas sim “ouvir” estes operários. Ouvi-os enquanto “habitantes” de um espaço sociopolítico de exclusão ainda crescente, onde a figura do “velho operário”⁷ está calcada por ações de esquecimento e desvalorização política e social (SANTANA, 1998).

FONTES

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. *Coleção particular Companhia América Fabril*. Divisão de Documentação Escrita e Especial.

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. *Coleção particular Companhia América Fabril*. Divisão de Iconografia. Séries Educação, Patrimônio, Lazer e Saúde.

Bibliografia

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Rio de Janeiro: Papirus, 2001.
- BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. (Orgs.). *Culturas de classe*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2004.
- BLONDEL, Charles. *Introducción a la psicología colectiva*. Buenos Aires: Ed. Troquel, 1966.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. 5. ed. Petrópolis:, Rio de Janeiro:Vozes, 1997.
- CANDAUI, J. *Mémoire et identité*. Paris: Press Universitaires de France, 1998.
- DE DECCA, Edgard. 1930: *O silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO Jannaína (Orgs.). Apresentação. In: *Usos e abusos da História Oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- GOMES, Angela de Castro (Coord.). *Velhos militantes: depoimentos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul. *Ethnography: Principles in practice*. 2 ed. Londres e Nova York: Routledge, 1995.
- MOSCOVICI, S. VIGNAUX, G. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NORA, Pierre. *Les Lieux de Mémoire*. Paris: Gallimard, 1997.
- PÁEZ, D.; VALENCIA, J.F.; PENNEBAKER, J. W.; RIMÉ, B.; JODELET, D. (Orgs.). *Memórias colectivas de procesos culturales y políticos*. Bilbao: Universidad del País Vasco, 1998.
- SANTANA, Marco Aurélio. Entre a Ruptura e a Continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro. *Anais do XXII Encontro Anual da Anpocs*. 1998.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- WEID, Elisabeth von der; BASTOS, Ana Maria Rodrigues. *O fio da meada – Estratégia de expansão de uma indústria têxtil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Confederação Nacional da Indústria, 1986.
- WEIL, Simone. *O tnrzaimento*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru, São Paulo: Edusc, 2001. Col. Mulher.

RESUMO:

Esta pesquisa analisa alguns dos aspectos do trabalho e das condições sociais experimentadas pelo operariado das companhias têxteis América Fabril e Nova América ao longo do século XX, através das memórias dos próprios trabalhadores. Partimos da idéia de que os “retalhos” de seus depoimentos individuais são partes de um *locus* coletivo e de uma identidade os quais são construídos e mantidos pelas lembranças e esquecimentos referentes ao espaço do trabalho. Fazendo uso da História Oral como método de abordagem e coleta das falas destes operários, incorporamos em nosso estudo sobre mundo do trabalho as experiências e as construções dos próprios trabalhadores.

Palavras-chave: **Memória, Trabalhadores, Identidade, História do Trabalho.**

ABSTRACT:

This research analyzes some aspects of the working and social conditions experienced by the workers at *América Fabril* and *Nova América* textile companies during the 20th century, from their own memories. Thus, we began with the idea that this “patchwork” of individual recollections is part of a collective *locus* and identity which arises from and is maintained by the collective memories, and lapses, directly connected to the work space. By using Oral History as the methodological approach and gathering these workers’ narratives, we incorporate the experiences and achievements of these workers to our study of the “worker’s world”.

Keywords: **Memory, Workers, Identity, History of Labour.**

